

DESFAR A TRAMA PARA EXPLORAR OS SENTIDOS: A COSTURA DOS SERTÕES NAS REDES DISCURSIVAS DA MÍDIA

SHRED THE WEB TO EXPLORE MEANINGS: THE SEWING OF SERTÕES IN THE MEDIA'S DISCURSIVE NETWORKS

Marcelino Gomes dos Santosⁱ

Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN/PPGH/CERES

Resumo: Este artigo trata da produção discursiva em torno do lançamento de uma coleção de moda, intitulada “Carne Seca ou um Turista Aprendiz em Terra Áspera”, lançada em 2013 pelo estilista brasileiro Ronaldo Fraga no São Paulo Fashion Week, com o objetivo de analisar os sentidos sobre os sertões que circulam na internet na contemporaneidade, considerando sua inscrição no universo midiático nacional. Como metodologia, selecionamos matérias publicadas em *sites* na internet, tais como Vogue, GNT e *Lifestyle*, onde as notícias sobre o evento circularam, e os submetemos à análise dos discursos que produziram sentidos sobre o que é o sertão e o sertanejo. Consideramos, portanto, que os estudos do discurso nos permitem reflexões sobre a construção de saberes, sentidos e “verdades” na/pela história. Para tanto, destacamos como respaldo teórico-metodológico os pressupostos da Análise do Discurso de orientação francesa e os estudos de Michel Foucault sobre discursos, sujeitos e saberes, além de referenciais teóricos sobre a historiografia dos sertões, dos quais são exemplos Amado (1995) e Albuquerque Júnior (2014; 2019), pesquisadores que trataram da etimologia da palavra *sertão*, o surgimento do conceito e suas transformações ao longo da história. Em linhas gerais, nossas análises sobre as matérias apontam para efeitos de sentido sobre um sertão “áspero”, “masculino”, passível de refinamento, ao passo em que esses discursos constroem a figura do estilista como um sujeito capaz de transformar essa aspereza em moda.

Palavras-chave: Linguagem. Discurso. História. Sertões. Moda.

Abstract: This article deals with discursive production at the launch of a fashion collection, entitled “Carne Seca ou Um Turista Aprendiz em Terra Áspera”, launched in 2013 by Brazilian stylist Ronaldo Fraga at São Paulo Fashion Week, with the aim of analyzing the senses about the *sertões* that circulate on the internet in contemporary times, considering their subscription in the national media universe. As a methodology, we selected materials published on internet sites, such as Vogue, GNT and Lifestyle, where news about the event circulated, and submitted to analysis of discourses that produce meanings about what is the *sertão* and who is the sertanejo. We believe, therefore, that discourse studies allow us to reflect on the construction of knowledges, meanings and “truths” in/through history. Therefore, we highlight how the theoretical-methodological method or assumption of Discourse Analysis of French Orientation and the studies of Michel Foucault on Discourses, Subjects and Knowledge, in addition to Theoretical References on the History of Sertões, of which Amado are tested (1995) and Albuquerque Júnior (2014; 2019), researchers who dealt with the etymology of the word *sertão*, the concept and its transformations emerged throughout history. In general, our analysis of the materials pointed to the effects of meaning on a rough and masculine *sertão*, subject to

refinement, while these discourses build a figure of the stylist as an individual capable of changing this roughness in fashion.

Keywords: Language. Discourse. History. *Sertões*. Fashion.

Introdução: dispor os fios para tecer a trama

Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas - e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção.

João Guimarães Rosa (1994, p. 132)

No espaço de produção discursiva da contemporaneidade, a movimentação de saberes na sociedade ganha força pela rapidez dos veículos midiáticos em noticiar e tornar públicas séries de discursos sobre temas e acontecimentos diversos, sobretudo, se consideramos a instantaneidade do acesso à informação que é característica da comunicação nos dias atuais. Em um cenário de lutas e disputas sociais, políticas, ideológicas, identitárias, esses discursos e saberes implicam a costura de formas de ver, ler, dizer e ser o “eu” e o “outro”, formas de se subjetivar, de se objetivar, de se comportar na sociedade, no seio da vida cotidiana.

Situado no encontro de fios de saberes urdidos nos campos da Linguagem, dos Estudos do Discurso e da História, este artigo propõe a tessitura de uma discussão sobre práticas discursivas midiáticas, produção de sentidos e espaços de subjetivação na contemporaneidade.

Para tanto, tomamos como objeto de análise a produção discursivo-midiática em torno do lançamento de uma coleção de vestuário inspirada no sertão, intitulada *Carne Seca ou Um Turista Aprendiz em Terra Áspera*, lançada pelo estilista brasileiro Ronaldo Fraga, em 2013, naquele que é considerado o maior evento de moda nacional, nomeadamente, o *São Paulo Fashion Week*.

À ocasião de realização do desfile, o lançamento do estilista contou com a presença de espectadores, incluindo jornalistas e fotógrafos, responsáveis pela divulgação midiática. Concebemos, nessa direção, que os discursos sobre o lançamento

do estilista mineiro produziram sentidos sobre o sertão e o sertanejo, significações que foram potencializadas por sua inscrição no universo midiático nacional e que dialogaram, em grande medida, com a memória discursiva sobre os sertões no Brasil, isto é, com a produção de saberes sobre essas “especialidades”ⁱⁱ ao longo da história.

No que se refere aos aportes teóricos que nos auxiliam no alinhar de nossas análises, destacamos as contribuições da Análise do Discurso de orientação francesa sobre a produtividade da linguagem e seu diálogo com o sentido; a historiografia dos sertões, especialmente, no que se refere às discussões sobre a etimologia da palavra *sertão*, o surgimento do conceito e seus múltiplos sentidos; além das reflexões de Michel Foucault sobre o imbricamento de discursos, sentidos, saberes e suas implicações no cerzir de subjetividades, isto é, na produção de sujeitos nos/pelos discursos.

Em termos de método, selecionamos trechos de matérias jornalísticas publicadas em *sites* na internet (nomeadamente, os portais GNT e *Lifestyle*, em 2013; e Vogue, em 2014) sobre o lançamento da referida coleção de vestuário, sobre os quais realizamos gestos de leitura interpretativa, com ênfase ao exame da teia discursiva e dos sentidos produzidos a partir deste lançamento, explorando a sua relação com a tessitura de espaços de subjetivação no tempo presente.

No trajeto de análise, estabelecemos um batimento entre leitura e descrição, com vistas à compreensão de nosso objeto de estudo. Nesse sentido, Orlandi (2007, p. 26) nos diz que “compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc.) produz sentidos; é saber como as interpretações funcionam”. De acordo com esta autora, a prática de leitura discursiva “consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária” (Idem, p. 34).

Em um primeiro momento, discutimos as contribuições teórico-metodológicas da Análise do Discurso Francesa no que se refere à relação produtiva entre linguagem, discursos, sentidos e saberes, bem como sobre a construção de “verdades” e espaços de subjetivação. Em seguida, tratamos da historicidade do conceito *sertão* no Brasil, analisando a forma como esta ideia foi construída pelo entrecruzamento de uma série

de discursos, produzidos a partir de vários lugares de enunciação ao longo da história. Por fim, voltamo-nos para a análise da produção discursivo-midiática a partir das matérias publicadas em *sites* na internet sobre o lançamento da coleção de vestuário de Fraga, problematizando os sentidos, seu diálogo com a memória discursiva sobre os sertões e suas implicações na tessitura de subjetividades na contemporaneidade.

1 A Análise do Discurso e suas contribuições: costurando discursos e sentidos

A Análise do Discurso é uma disciplina que atua no entremeio das Ciências Humanas e Sociais, considerando a materialidade dos discursos e suas condições de produção na/pela história. Em outras palavras, interessa a esta disciplina o estudo das condições de possibilidade dos discursos, isto é, as condições de aparecimento de enunciados e seus efeitos de sentido ao longo da história, no instante e singularidade de sua emergência. De acordo com Fernandes (2012, p. 16):

A Análise do Discurso, tendo o discurso como objeto de investigação, trabalha com a linguagem sob suas diferentes possibilidades de existência, e a considera em uma relação direta com a história - esta como o que determina as possibilidades de realização daquela - e com os sujeitos. O discurso é exterior à língua, mas depende dela para sua possibilidade de existência material, ou seja, o discurso materializa-se em forma de textos, de imagens, sob determinações históricas.

Sobre este aspecto, concebemos que a linguagem é linguagem porque permite efeitos de sentidos múltiplos. E esses sentidos só são possíveis porque a linguagem está inscrita na história (ORLANDI, 2007). No caminho desta discussão, vale salientar que língua e discurso têm noções diferentes. A Análise do Discurso não trata propriamente da língua nem propõe uma análise meramente gramatical dos enunciados, embora eles possam se materializar em uma estrutura linguística. Como seu próprio nome sugere, a disciplina trata do discurso, que nos remete à ideia de movimento.

Concebemos, nesse sentido, que discurso e história estão intimamente ligados, em uma relação indissociável. Ambos estão em consonância com determinadas condições de produção, que se relacionam com o processo de construção de saberes e

“verdades” ao longo da história, bem como permitem sua sustentação. Sobre a relação entre os discursos e a produção de verdades, Foucault (2007, p. 12) nos diz que:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o emprego de dizer o que funciona como verdadeiro.

De acordo com Fernandes (2012, p. 26), “os enunciados, assim como os discursos, são acontecimentos suscetíveis de serem analisados considerando a continuidade, a descontinuidade, a dispersão, a formação e a transformação”. Analisar os enunciados, em uma perspectiva da Análise do Discurso Francesa, é considerar as posições que o sujeito ocupa, posto que no enunciado sempre haverá uma posição-sujeito ocupada por um ou vários sujeitos.

No que se refere à produção de subjetividades, os discursos e saberes históricos participam diretamente desse processo, pois incidem sobre os sujeitos, que se constroem no/pelo discurso, jamais fora deles. Sobre este aspecto, Fernandes (2012) nos fala sobre aquilo a que chama “ética”, isto é, o conjunto de saberes e práticas que incidem sobre os sujeitos, e que existem em todas as épocas da história da humanidade. De acordo com o autor:

Essa ética se manifesta pela linguagem e implica a materialização de diferentes discursos (...). Em sua relação com os sujeitos, visa a produzir e/ou modificar a subjetividade para inseri-los em espaços sociodiscursivos nos quais se objetivarão como sujeitos singulares, inscritos em lugares de verdade, e portadores de determinadas identidades (FERNANDES, 2012, p. 79).

No trajeto de examinar os discursos, consideramos que a memória discursiva participa diretamente na produção de sentidos, uma vez que, como nos aponta Fernandes (2012, p. 96), “na enunciação há sempre um já-la, um discurso precedente e em funcionamento pela memória, presente na repetição de um discurso em outro, mas

sempre sob novas condições ou possibilidades históricas”. Logo, os sentidos que são produzidos ao longo da história são possíveis porque dialogam com outros discursos, discursos anteriores, que atravessam os tempos por meio da memória.

A Análise do Discurso de orientação francesa, enquanto uma disciplina que dialoga com saberes oriundos de diversas áreas da Ciências Humanas e possibilita o estudo de diversos objetos a partir de seus pressupostos teórico-metodológicos, nos permite analisar e problematizar a produção de uma série de discursos, saberes, sentidos, a costura de “verdades” históricas, sua relação com o poder, bem como a tessitura de espaços de subjetivação por meio do entrecruzamento de sentidos e saberes.

2 A tessitura histórico-discursiva dos sertões

Sabemos que a temática dos sertões alimenta e fecunda o imaginário brasileiro há tempos, estando presente em uma série de obras e produções artísticas nacionais (literárias, fílmicas, pictóricas, televisivas, entre outras). Como já nos dissera Guimarães Rosa (1994, p. 741), em sua obra *Grande Sertão: Veredas*, “o sertão está movimentante todo-tempo”.

Ao longo da história, a ideia de sertão passou por muitas transformações, desde o surgimento do conceito até a contemporaneidade. A palavra *sertão* aparece nas descrições de viajantes e cronistas que estiveram na América portuguesa no século XVI e, a partir do século XVII, nas primeiras tentativas de se elaborar uma história nacional (AMADO, 1995). Antes disso, por volta do século XIV, a palavra era usada pelos portugueses para se referir às áreas de Portugal distantes de Lisboa, atual capital do país. Estava, nesse contexto, intimamente associada à ideia de interioridade e distanciamento, sempre em relação a um outro, a uma alteridade. Esse outro era o não-sertão, o lugar do poder e da civilidade, a partir do qual os sertões portugueses eram vistos, descritos e pensados.

No sentido da discussão sobre a etimologia da palavra e seus primeiros sentidos, Erivaldo Neves (2003, p. 154) nos diz que:

Apoiando-se no Dicionário da língua bunda de Angola, elaborado por Bernardo Maria de Carnecatim e publicado em Lisboa, no início do século XX, Gustavo Barroso (1888-1950) atribuiu a gênese da palavra “sertão” ao vocábulo ‘mulcetão’, corrompido para ‘celtão’ e, depois, ‘certão’, cujo significado, expresso em latim, *locus mediterraneus*, que se traduz por ‘lugar entre terras, interior, sítio longe do mar, mato distante da costa’. Transposta para Portugal, deu-se, indevidamente, a essa significação africana, a equivalência de ‘desertão’, deserto grande, de onde surgira ‘sertão’, como forma contraída.

Nesse contexto, os sentidos em torno da palavra “sertão” estavam ligados à ideia de distância e interioridade, sempre em relação a um “outro”, sua alteridade, que, por oposição, também o constituía. Em outras palavras, existia de um lado o sertão, do outro, tudo aquilo que não era sertão, mas que o construía, sobretudo, por jogos de diferença.

Desde o surgimento do conceito, vários sentidos foram associados a esta palavra. No contexto da América Portuguesa, ela era usada pelos lusos para se referir às regiões interioranas, desconhecidas pelos colonizadores. Como nos permite pensar Albuquerque Júnior (2019, p. 21), essas primeiras significações perduraram por muito tempo, pois “até o início do século XX, o sertão era todas as terras que ficavam afastadas da costa, que ficavam distantes das aglomerações urbanas que se distribuíam por todo o litoral brasileiro”.

Nesse sentido, o referido historiador nos fala sobre o “raptó” do conceito de sertão pelo regionalismo nordestino ao longo do século XX. De acordo com Albuquerque Júnior (2019, p. 25), esse raptó “foi antecedido e possibilitado por discursos e práticas institucionais que antecederam a própria invenção do Nordeste”ⁱⁱⁱ, que, até meados da década de 1910, não existia. Sobre este aspecto, o autor nos informa que:

Esses discursos prepararam o terreno para a associação entre sertão e semiárido nordestino, na medida em que o descreveram e o definiram a partir de temas, eventos e personagens típicos daquele espaço. Além da temática da seca, que seria responsável por dar ao sertão certa paisagem – marcada pela terra gretada, pela caatinga seca e esgalhada, por um sol abrasador, uma luz branca e intensa, pela presença das cactáceas, esses discursos associarão o sertão a três outras temáticas: o

coronelismo, com seu complementar jaguncismo, o cangaço e o messianismo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 26).

Os sertões, ao longo do século XX, foram sendo “nordestinizados”, sendo a subdivisão da região Nordeste em quatro sub-regiões (meio-norte, zona da mata, agreste e sertão) responsável por oficializar essa captura do conceito *sertão* pelo regionalismo nordestino. Nesse sentido, pessoas nascidas longe da costa e dos grandes centros urbanos passaram a ser chamadas interioranas, matutas, caipiras, etc. mas não mais sertanejas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 31).

Se fizermos um sobrevoo pela literatura brasileira, encontraremos várias obras que se apresentam como enunciados poderosos sobre os sertões, produção de discursos que construíram sentidos que atravessaram os tempos, atualizando-se em novas materialidades, das quais são exemplos os inúmeros filmes, peças de teatro, músicas, etc. produzidos na cena cultural brasileira a partir desta temática.

Ainda no que tange à construção de sentidos sobre a ideia de sertão no Brasil, apontamos para a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, publicada em 1902, narrativa sobre o trágico episódio que foi a Guerra de Canudos, onde podemos encontrar incontáveis descrições, com preocupações nítidas em termos de detalhamento, sobre paisagens, sujeitos e práticas ditos sertanejos, construções discursivas que alimentaram e dialogaram com inúmeras outras obras que a sucederam, sendo estudadas e problematizadas por diversas áreas do saber, tais como a Literatura, a Sociologia, a Psicologia, a História, entre muitas outras.

Mas essa tessitura discursiva sobre os sertões não se encontra nem se encerra apenas na literatura. Outros enunciados contribuíram para a produção de sentidos sobre essas “espacialidades” ao longo da história, das quais são exemplos diversas novelas, peças de teatro, músicas, pinturas, etc. que, juntas, construíram sentidos sobre o que é o sertão e o que implica ser sertanejo, produção discursiva que atuou na manutenção e atualização de sentidos sobre o sertão e seus sujeitos habitantes, bem como no que se refere à sustentação de determinadas “verdades” históricas, entendidas aqui como construções discursivas.

O conceito de sertão, como uma tessitura histórica e discursiva, foi sendo modificado ao longo da história, materializando-se em diversas estruturas. Juntos,

esses discursos costuraram um arquivo de imagens e sentidos sobre o que é sertão, quem são os sertanejos, possibilitando a criação de espaços de subjetivação, tecendo, destecendo e entretecendo identidades, objetivando sujeitos no seio da vida cotidiana.

De acordo com Foucault (2008, p. 146), sobre a noção de arquivo:

Ao invés de vermos alinhavarem-se, no grande livro mítico da história, palavras que traduzem, em caracteres visíveis, pensamentos constituídos antes e em outro lugar, temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de atualização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de arquivo.

No sentido dessa discussão, Fernandes (2012, p. 40) salienta que o arquivo “é a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”, e que este “jamais pode ser apreendido e descrito em sua totalidade”.

Como é possível pensarmos a partir dos estudos que discutiram a origem da palavra e do conceito *sertão*, sua construção discursiva e seus múltiplos sentidos ao longo da história, essas significações foram sendo modificadas com o passar do tempo, sendo alguns de seus sentidos cristalizados, tão poderosa é a força dessas construções. Esses sentidos atravessaram os tempos, costurando subjetividades, demarcando espacialidades, objetivando a conduta de sujeitos, atribuindo-lhes uma identidade.

Nesse caminho, a enunciação dos sertões no tempo presente nos permite problematizar os discursos e seus múltiplos sentidos ao longo dos tempos, analisar como essa relação entre linguagem, história e discurso funciona na contemporaneidade, quais os sentidos e imagens que são colocados em jogo pelos enunciados que circulam na sociedade, como aqueles que são divulgados pela mídia sobre os sertões na atualidade, os quais nos propomos a analisar neste artigo, a seguir.

3 Na ótica dos discursos midiáticos: os sertões no espaço da moda brasileira

Ronaldo Fraga é um estilista brasileiro, nascido em Minas Gerais. É graduado em Estilismo pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e pós-graduado em universidades estrangeiras, nomeadamente, a *Parsons School of Design*, de Nova Iorque, e a *Central Saint Martins*, de Londres. É membro da Associação Brasileira de Estilistas – ABEST, da Academia Brasileira da Moda, e possui uma marca oficial que leva o seu nome, fundada em 1997.

O estilista mineiro já lançou dezenas de coleções na cena da moda brasileira e faz parte do seu calendário oficial de lançamentos sazonais de coleções de vestuário, dentre as quais encontramos aquela inspirada no sertão do semiárido, intitulada *Carne Seca ou um Turista Aprendiz em Terra Áspera*, apresentada no *São Paulo Fashion Week* em 2013 como proposta para o inverno 2014.



Da esquerda para direita

Figura 1 - Modelos no SPFW
Fonte: <https://ffw.uol.com.br/desfiles>

Figura 2 - Ronaldo Fraga
Fonte: <https://ffw.uol.com.br/desfiles>

Na ocasião de lançamento desta coleção, notícias sobre o evento foram veiculadas em *sites* na internet, nas quais encontramos discursos sobre o tema que inspirou o processo criativo do estilista mineiro, nomeadamente, o sertão. Sobre a circulação de discursos no espaço de produção midiática, Possenti (2007, p. 13) nos fala sobre a importância de considerarmos a movimentação de saberes na esfera midiática,

pois, segundo o autor, “não se compreende mais nossa sociedade se sua análise não considerar revistas, jornais, sites e blogs”.

Consideramos, nesse sentido, a veiculação de notícias sobre este lançamento como a discursivização dos sertões na contemporaneidade, produção de sentidos sobre a qual nos debruçamos para tecer uma análise discursiva dos enunciados e imagens que são colocadas em jogo na/pela mídia na atualidade.

À época do lançamento da coleção de Ronaldo Fraga, em 2013, o blog *Lifestyle*^{iv} produziu uma matéria sobre sua apresentação nas tendas do Parque Villa-Lobos, onde noticiou:

É também dia de conhecer mais *uma história de Ronaldo Fraga*, o estilista que, a cada temporada, *ensina* um pouco do Brasil para os brasileiros. Desta vez, a *aula* de Ronaldo Fraga passa pelo sertão nordestino, de onde nasceu a coleção “Carne Seca ou um Turista Aprendiz em Terra Áspera”, que ele apresenta às 16 horas nas tendas erguidas no Parque Villa-Lobos. Conversar com Ronaldo sobre o nascimento de suas coleções é sempre empolgante. *Ele se embrenha nos confins do Brasil para descobrir personagens, histórias e imagens que ninguém mais viu. Seu inverno 2014, por mais contraditório que pareça, vem do semiárido* (LIFESTYLE, 2013, grifo nosso).

A postagem do blog *Lifestyle*, entendida aqui como uma produção discursiva, permite gestos de leitura e interpretação, sobretudo, no trajeto de examinar e problematizar os efeitos de sentido sobre o sertão e sua relação com a tessitura de espaços de subjetivação na contemporaneidade.

Ao afirmar que “ele (Ronaldo Fraga) se embrenha nos confins do Brasil para descobrir personagens, histórias e imagens que ninguém mais viu”, o enunciado circunscreve o sujeito-estilista como um estrangeiro, ao passo em que dialoga com redes de memória sobre os sertões, sobretudo no que se refere à sua localização espacial. Como discutimos anteriormente, ao longo da história, os sertões foram descritos como lugares longínquos, arcaicos, antimodernos. Esses sentidos aparecem na referida matéria, reafirmando a ideia de que os sertões estão distantes, resguardados no interior do “Brasil profundo”.

O uso da palavra “embrenhar” significa adentrar um espaço, com certa dificuldade. O estilista é subjetivado nessa matéria como um estrangeiro que, por meio

de seu trabalho, “ensina” aos brasileiros sobre o próprio país, que se movimenta no sentido do seu interior, geográfico e cultural, para “descobrir”, isto é, para revelar “personagens, imagens e histórias” velados. O trabalho com moda, nesse sentido, é concebido como revelador. Percebamos como os discursos, materializados na linguagem verbal, constroem objetos e sujeitos. O estilista é construído no/pelo discurso como um contador de histórias, aquele que tece narrativas por meio das roupas que apresenta nas passarelas da moda brasileira.

De acordo com Fernandes (2012, p. 16): “O sujeito, por sua vez, é constituído por discursos historicamente produzidos e modificados; assim como o discurso, o sujeito está em constante produção, é marcado por movências”; sendo os discursos exteriores à língua, posto que não estão no mesmo nível que a linguagem verbal, mas se materializam nela, assim como em outras estruturas.

Ao referir-se ao sertão como os “confins do Brasil”, a matéria publicada pelo portal de notícias *Lifestyle* dialoga com a memória discursiva sobre esses “espaços”, descritos historicamente como distantes da civilização, dos grandes centros urbanos, da modernidade. Sobre a relação entre discurso e memória, Fernandes (2012, p. 25) salienta que “todo discurso resulta de um já-dito (não sabido, apagado) e esse já-dito é sempre um jamais-dito”. Isso é o que Orlandi (2007, p. 31) chama memória discursiva, isto é, “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”.

A palavra “confim” irradia o sentido de limite, fronteira, que marca a divisão entre o “eu” e o “outro”. Estar nos “confins do Brasil” é estar distante de sua alteridade, o seu contraponto, que, no trajeto das discursividades históricas sobre o sertão, são os grandes centros urbanos, os lugares de poder, modernos, civilizados, que constroem a sua imagem por oposição. Além disso, os efeitos de sentido deste enunciado convergem para a ideia de que o sertão é sempre alvo de olhares exógenos e projetos transformadores, e que necessita ser visto, portanto, pelo outro. Percebamos que esses discursos e sentidos sempre apontam outros que os sustentam, que garantem a sua enunciação, pois, conforme nos permite pensar Orlandi (2007, p. 39), “os sentidos resultam de relações”.

No trajeto midiático de veicular informações sobre o lançamento da coleção de Ronaldo Fraga, a revista Vogue e o portal de notícias GNT também publicaram notícias em suas páginas na internet. Foram notícias nesses dois *sites*, respectivamente:

Inspirada na *solaridade* da *arte popular* do sertão nordestino, a *beleza do inverno 2014* de Ronaldo Fraga transformou a região brasileira em poesia assim como a obra de João Guimarães Rosa: enormes galhos secos saíam de cabelos milimetricamente frisados, lábios marrons remetiam à *terra seca*, pele esculpida com bronze alaranjado dava a ilusão de *queimado de sol* e um leve brilho dourado proporcionava um ar quase etéreo às modelos (VOGUE, 2014, grifo nosso).

Para o inverno 2014, o estilista mineiro Ronaldo Fraga consegue extrair poesia da aspereza do sertão brasileiro, trazendo para a passarela uma coleção em que a dureza, o rústico e a força do universo masculino se traduzem em roupas femininas de extrema delicadeza. As roupas vêm quase todas trabalhadas em couro, em diferentes texturas e efeitos (GNT, 2013, grifo nosso).

As notícias sobre o lançamento da coleção, veiculadas nas revistas Vogue e GNT, materializam discursos sobre o sujeito-estilista, bem como sobre a inspiração temática de seu trabalho: o sertão. A imagem do estilista mineiro é costurada como a de alguém que “transforma”, isto é, os sentidos suscitados pela matéria apontam para a ideia de um sujeito capaz de mudar a forma de algo, ao passo em que levam Fraga a ocupar a posição de um sujeito autorizado e capaz de “extrair poesia” do sertão no processo de criação de seu trabalho com moda.

Percebamos que o estilista é costurado por meio desses discursos como alguém com uma sensibilidade estrangeira, adentrando uma “espacialidade” interiorana e distante em busca de algo, capaz de torná-lo visível e, mais que isso, elevar a sua forma, atribuindo-lhe positividade por meio de seu trabalho com moda.

Além desses, outros sentidos são retomados na matéria. Notamos que o uso vocabular não é por acaso e nos dá pistas sobre ideias historicamente associadas ao sertão. As palavras, nesse sentido, são “vestígios”, pois são a materialização dos discursos em estruturas linguísticas. Elas nos apontam para os efeitos de sentido sobre o sertão e os sertanejos.

Os enunciados presentes nas matérias fazem referência à “solaridade” do sertão, à pele das modelos, “queimada de sol”, à “terra seca”. O sertão, como uma construção discursiva e histórica, teve sua imagem costurada a determinadas paisagens, a determinadas imagens, a maioria delas clichês e estereotipadas, como aquelas que encontramos aos montes em produções audiovisuais brasileiras que trataram desse tema, em especial, uma incontável produção de filmes sobre “espacialidades”, práticas e sujeitos ditos sertanejos.

Nessas produções, também discursivas, é comum a presença de imagens em que os efeitos de sentido nos remetem à ideia de sertão, dialogando com a memória discursiva, narrativas visuais constituídas de muitos lugares-comuns: uma imagem estourada, excessivamente iluminada, o céu azul, quase sempre sem nuvens, a presença de cactáceas, vegetação seca e espinhenta, a ênfase dada à terra rachada, o sol escaldante, castigante, que paira sobre a vida dos sertanejos, entre muitas outras.

As duas matérias, publicadas no portal Vogue e GNT, referem-se à “poesia” do sertão. Ao dar ênfase a esse caráter poético, esses discursos positivizam relativamente a sua imagem, mas a condiciona ao trabalho de um agente exógeno, no caso, o próprio estilista. Em outras palavras, os sentidos apontam para a necessidade do “outro” para que a positividade do sertão seja revelada. Sobre este aspecto, Moraes (2003, p. 03) enfatiza que “mesmo aquelas concepções que veiculam uma visão positiva desses lugares vão equacionar tal positividade como um potencial adormecido, cuja efetivação prática demandaria ações transformadoras da realidade vigente”.

A poesia de que fala a matéria não está em qualquer lugar, está escondida na “aspereza” do sertão. Elementos como “a dureza, o rústico e a força do universo masculino” são ressaltados, colocados em evidência. Eles “se traduzem em roupas femininas de extrema delicadeza” por meio do trabalho do estilista. Aqui, mais uma vez, a imagem de um sujeito-transformador é reforçada no/pelo discurso.

Além disso, interessante problematizarmos os efeitos de sentido a partir da adjetivação mobilizada nas matérias. O sertão é costurado, mais uma vez, a sentidos como os de dureza e rusticidade, que são traduzidos pelo sujeito-estilista em elementos de “extrema delicadeza”, isto é, a roupa, objeto da moda, seu contraponto semântico. Como percebemos nesta passagem, a ênfase é dada ao sertão,

especialmente, à força deste “universo masculino”. Porque o sertão e o sertanejo, bem como o Nordeste e o nordestino, são, sem dúvidas, “masculinos”, não por uma determinação natural, mas cultural, histórica, discursiva, como podemos pensar a partir dos estudos do pesquisador brasileiro Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013).

Segundo o referido historiador, “o tipo popular do sertão nordestino, por ser inculto, teria costumes e psicologia muito particulares, marcado pela profundidade de caráter de homens rústicos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 189). Esse sujeito sertanejo foi concebido historicamente, por meio do entrecruzamento de diversos discursos, como “uma reserva de virilidade, macheza, bravura, capacidade de luta, de enfrentamento, de energia para as batalhas que o espaço regional parecia carecer”.

Logo, percebemos que os saberes ao longo da história, isto é, os discursos que são produzidos a partir de diversos lugares de enunciação, incidem diretamente na construção de determinadas imagens, subjetividades, identidades, etc. e que condicionam, também, comportamentos sociais, posto que, como nos explica Fernandes (2012, p. 82), “a maneira de ser de um sujeito, ou seja, seu *ethos*, é produzido e modificado por movimentos exteriores a ele, por discursos que o capturam”.

Esses discursos, em especial, aqueles que circulam na mídia, incidem sobre os sujeitos, disciplinando-os, posto que, conforme nos explica Svendsen (2010, p. 94), “o poder disciplinador pelo qual a maioria das pessoas é afetada não é aquele exercido atrás dos muros das prisões, mas o exercido por meio da televisão, dos jornais, das revistas e da mídia”.

Conclusão: chulear o que foi tecido

Linguagem, discurso e história estão em uma relação indissociável. Os sentidos que irradiam das matérias as quais analisamos neste artigo só são possíveis porque estão em sintonia com determinações históricas, porque dialogam com a memória discursiva sobre os sertões, e só são passíveis de serem analisados e problematizados por sua materialização em estruturas, de que é exemplo a linguagem verbal.

As notícias veiculadas nos portais *Lifestyle*, *Vogue* e *GNT* possibilitaram a enunciação dos sertões no tempo presente, ao passo em que teceram sentidos sobre essas “especialidades”, criando, assim, espaços de subjetivação, que se constituem atravessados por esses diversos sentidos. Importante se faz mencionar que essas significações são potencializadas por sua inscrição midiática, visto que as notícias circularam na sociedade com a rapidez que é característica da comunicação nos dias atuais, estando esses sentidos à deriva, incidindo sobre a vida dos sujeitos.

Salientamos, portanto, que esses discursos não são neutros, eles são dotados de positividade^v, pois constroem imagens, formas de ver e dizer sujeitos e objetos, no caso de nossa análise, o sertão, o sertanejo, o sujeito-estilista que trabalha com moda, além de implicar formas de se objetivar e se comportar no seio da vida cotidiana. Dizemos positividade no sentido de que nos fala Fernandes (2012, p 36): “positividade refere-se a algo que provoca, que produz, induz à produção”. Esses discursos, como vimos, dialogam com a memória discursiva sobre os sertões e seus sentidos reforçam e atualizam determinadas imagens no tempo presente, colocam em jogo determinadas ideias e significações sobre lugares, práticas e sujeitos, ao passo em que excluem outras.

Essas construções discursivas, muitas vezes, reproduzem sentidos estereotipados, cristalizados, e incidem sobre a forma como vemos, lemos e dizemos o sertão e o sertanejo, o modo como concebemos essa identidade, sem falar que alimentam uma série de “verdades” e preconceitos que são sustentados por esses sentidos que foram tecidos historicamente: sentidos sobre a distância geográfica, cultural e temporal do sertão em relação ao seu oponente (isto é, as grandes cidades, o litoral, os centros de poder), sobre a masculinidade comumente associada aos sertanejos, a “aspereza” de um lugar seco, castigado pelas secas, entre outros.

Como foi possível observar a partir das reflexões empreendidas nesse artigo, a relação entre linguagem, discurso e história se constitui como uma possibilidade de analisar e problematizar a discursivização de objetos e a tessitura de sujeitos os mais diversos, tomando-os não como construções naturais, mas como produtos de discursos e saberes inscritos na história.

Nesse sentido, as contribuições da Análise do Discurso Francesa e dos estudos de Michel Foucault ao longo de toda a sua trajetória de vida são importantes quando se busca entender como os sentidos funcionam, como os discursos produzidos a partir de diversos lugares de enunciação incidem sobre a forma como vemos, lemos, dizemos objetos e sujeitos, como nos subjetivamos e nos comportamos no seio da vida cotidiana, como nos entendemos e somos entendidos enquanto existências, e de que formas podemos re(existir).

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do “falo”** – uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Distante e/ou do instante: “sertões contemporâneos”, as antinomias de um enunciado.** In: FREIRE, Alberto (Org.). *Culturas dos Sertões*. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 41-57.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino.** *Revista Observatório Itaú Cultural*, nº 25, mai/nov. 2019. São Paulo: Itaú Cultural, 2019.
- AMADO, Janaína. **Região, sertão, nação.** *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV; Ed. FGV, v. 8, n. 15, p. 145-152, jan./jul. 1995.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões.** São Paulo: Três, 1984.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault.** São Paulo: Intermeios, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- MIRRIONE, Henriete. Desfile Ronaldo Fraga no SPFW – inverno 2014. **GNT.** Disponível em: <https://gnt.globo.com/moda-e-beleza/materias/desfile-ronaldo-fraga-no-spfw-inverno-2014.htm>. Acesso em: 20 maio. 2020.
- BRESSER, Débora. Ronaldo Fraga leva Carne Seca para a passarela da SPFW. **Lifestyle.** Disponível em: <https://lifestyle.r7.com/moda/ronaldo-fraga-leva-carne-seca-para-a-passarela-da-spfw24082019><https://lifestyle.r7.com/moda/ronaldo-fraga-leva-carne-seca-para-a-passarela-da-spfw-24082019>. Acesso em: 20 maio. 2020.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Sertão**: um “outro” geográfico, *Terra Brasilis*, 4 - 5 | 2003. Disponível em: <http://terrabrasilis.revues.org/341>. Acesso em: 25 jan. 2020.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural**. Politeia, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 153-162, 2003.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

POSSENTI, Sírio. Uma leitura política. In: FONSECA-SILVA. **Poder-saber-ética nos discursos do cuidado de si e da sexualidade**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007, p. 13-16.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

SVENDSEN, Lars. **Moda**: uma filosofia. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

O FRISADO poético da beleza nordestina do inverno 2014 de Ronaldo Fraga. **Vogue**. Disponível em: <https://vogue.globo.com/fashion-weeks/spfw/noticia/2013/10/o-frisado-poetico-da-beleza-nordestina-do-inverno-2014-de-ronaldo-fraga.html>. Acesso em: 20 maio. 2020.

ⁱ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH-CERES-UFRN), campus de Caicó-RN.

E-mail: marcelinogomes_@outlook.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3365036460718914>. Caicó-RN, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8864-5126>

ⁱⁱ Dizemos “especialidades”, entre aspas, por pensarmos os sertões não como meras especialidades, no sentido da geografia tradicional, visto que, em nosso entender, os sertões não se tratam apenas de um “tipo empírico de lugar”, mas sim de “uma condição atribuída a variados e diferenciados lugares”, conforme nos permite pensar Moraes (2003, p. 2).

ⁱⁱⁱ Sobre a invenção do Nordeste, ver: Albuquerque Júnior (1999).